

Sarney diz que inflação não compromete abertura nem leva PDS ao desespero

BRASÍLIA (O GLOBO) — O presidente do PDS, senador José Sarney, disse ontem que os problemas econômicos que o País enfrenta, como as altas taxas de inflação, “não levam o partido ao desespero e nem comprometem o projeto político do Governo, que tem o respaldo da nação inteira”.

Ontem, ele foi prestar solidariedade ao Ministro do Planejamento, Delfim Netto, em nome da Comissão Executiva do PDS, afirmando que “não têm nenhum fundamento” os pronunciamentos, que classificou de “isolados”, de alguns membros do partido contra a política econômica.

— Não há qualquer incompatibilidade da Comissão Executiva com o ministro Delfim. Nossa solidariedade ao presidente Figueiredo implica uma solidariedade a todo seu ministério — disse Sarney.

Segundo o presidente do PDS, não é necessário alterar a política econômica para se ter melhores ganhos nas próximas eleições “porque o Governo tem que ter um comportamento ético, não adotando medidas visando aos resultados eleitorais”. Para ele, nem mesmo a criação do Fundo de Investimento Social (Finsocial) deve ser entendida com objetivos eleitorais.

— O Finsocial — acrescentou — é um desdobramento permanente da preocupação de distribuição de renda.

O senador disse ainda que não se pode ter preocupações com os índices inflacionários, quando se sabe que no combate à inflação se obteve curvas descendentes. Ele insistiu em dizer que a ocorrência de um índice alto em um mês (se referindo à taxa de oito por cento registrada no mês passado) “não quer dizer que a política antiinflacionária tenha fracassado”.

— Não conheço esta lei inexorável de que se perde eleição com uma inflação alta. Estamos a 90 dias das eleições sem que haja qualquer perspectiva de colapso institucional no País. O Brasil tem problemas, mas o mundo inteiro também tem problemas.

Para ele, as medidas de combate à inflação adotadas no Brasil sempre são acompanhadas de mecanismos que “amortecem os efeitos sociais”, porque o impacto da inflação é suavizado pela correção monetária e a lei de reajuste semestral dos salários.

Ao ser indagado da possibilidade de se alterar a lei salarial após as eleições, através de negociações do Governo com a própria oposição, o presidente do PDS disse:

Esta futurologia de hoje é suspeita, porque procura criar inquietação nos meios assalariados. O que se quer é criar efeitos eleitorais contra o Governo. As políticas são tomadas consciente e definitivamente.

SEM DIVERGÊNCIAS

Sarney disse que não existem desconcordâncias dentro do partido, que está unido empenhado numa grande campanha eleitoral para fazer a maioria dos governadores estaduais, das Assembleias Legislativas e Câmaras Municipais, e manter a sua maioria no Senado e na Câmara.

Segundo José Sarney, o fato de o senador Luiz Cavalcanti (PDS-AL) ter renunciado na semana passada ao seu cargo no Diretório Nacional do partido — por não concordar com o fechamento de questão sobre a emenda de reformas políticas votadas em junho — não significa um descontentamento:

— Ele deixou só o Diretório e não o partido — disse o senador José Sarney.

O presidente do PDS disse que divergências partidárias “fazem parte do jogo político”, e que o PDS é um partido democrático. As possíveis críticas da parte de alguns de seus membros são naturais dentro do processo de abertura política.

Quanto à possibilidade de o senador Luiz Cavalcanti passar para o Partido Liberal, que os senadores Lomanto Júnior (BA) e Martins Filho (RN), ambos do PDS, pretendem criar, foi afastada pelo senador José Sarney.

— O Partido Liberal está um pouco como a linha do horizonte: a gente vê, mas ninguém chega perto — disse Sarney, acrescentando que não acredita na saída de Cavalcanti do PDS, porque ele sempre foi “muito partidário”.

Antônio Carlos